

ABDI NAZEMIAN

**TIPO UMA
HISTÓRIA
DE AMOR**

Tradução
Vitor Martins

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2020

ISBN 9786555110531

1. Romance americano. I. Martins, Vitor. II. Título.

20-65397

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins*Publishers* ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

SUMÁRIO

SETEMBRO DE 1989

Reza

Art

Judy

#75 amor

Reza

Art

Judy

#54 Garland, Judy

Reza

Art

Judy

DEZEMBRO DE 1989

Reza

Art

Judy

#115 Taylor, Elizabeth

Reza

Art

Judy

#63 Ensino médio

Reza

Art

Judy

Reza

MAIO E JUNHO DE 1990

Reza

Art

Judy

#76 Madonna

Reza

Art

Judy

Reza

Judy

DEZEMBRO DE 2017

Art

Nota do autor

Agradecimentos

Sobre o autor

Querido leitor,

No auge da epidemia da aids, um amigo meu da faculdade realizou uma pesquisa. Ele nos perguntou como enxergávamos o futuro ao passar de cada década. Onde estaríamos aos 20 anos? Aos 30? Dos homens gays que responderam à pesquisa — eu incluso —, nenhum conseguiu prever uma vida depois dos quarenta. Parando para refletir sobre aquele momento, o resultado não me surpreende.

Na adolescência, com minha sexualidade emergindo durante o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, eu acreditava que era necessário escolher entre ser eu mesmo ou continuar vivo, o que não é uma escolha. Em ambos os casos, eu não estaria vivendo de verdade. Minha geração não era adulta o bastante para estar à frente dos protestos no começo da crise da aids, e fomos uma juventude que cresceu ainda sem tratamento amplamente disponível. Descobríamos nossa sexualidade atormentados pelo medo. Me abrir para o amor acabou sendo extremamente difícil, e é isto que eu quis explorar neste livro: o poder do amor diante do medo. Esta é, portanto, uma história de amor, mas também uma carta de amor — para os ativistas da ACT UP, para o espírito da cidade de Nova York e para Madonna, o ícone, a supernova que me mostrou, pela primeira vez, a celebração da vivência *queer* e que inspirou o título deste livro.

Hoje, já passei dos 40 e tenho a família que sempre quis, mas que nunca imaginei poder ter em minha adolescência aterrorizada. Escrever este livro foi a minha forma de celebrar os

artistas e ativistas que me ajudaram — e ajudaram uma geração inteira — a sobreviver e florescer. Minha esperança é que, nestas páginas, uma nova geração de jovens apaixonados possa encontrar ajuda para criar revoluções de amor, independentemente do quão assustador seja o mundo ao seu redor.

De todo coração,
Abdi Nazemian

Dedico este livro a Jonathon Aubry por me proporcionar minha própria história de amor e a todos os ativistas e artistas que tornaram tantas histórias de amor possíveis.

SETEMBRO DE 1989

“É um grande choque descobrir aos 5, 6 ou 7 anos que a bandeira à qual você jurou lealdade junto com todo mundo não jurou lealdade a você. É um grande choque ver Gary Cooper matando todos os índios e saber que, apesar de você estar torcendo por Gary Cooper, os índios são você.”

— James Baldwin

REZA

Deveria existir um limite para a quantidade de tempo que um ser humano precisa usar aparelho nos dentes. E o aparelho também deveria ter outro nome. Invasor de boca, talvez, ou terrorista das gengivas. Se bem que garotos iranianos não deveriam sequer *pensar* na palavra *terrorista* hoje em dia, então retiro o que disse. Talvez eu deva chamá-lo apenas de amigo. Ele me acompanhou nas nossas mudanças de um país para outro. Mas já faz três anos, e estou exausto. Amanhã começo o último ano do ensino médio em uma escola nova, em uma cidade nova. É isso. Minha última chance de não ser invisível.

Estou assistindo a dois programas ao mesmo tempo na maior TV que já vi. Tudo nesta casa e neste país vem em tamanho gigante. Não chega nem a ser uma televisão normal. É uma tela de projeção. Abbas diz que a qualidade da imagem é muito melhor. E dá pra dividir a tela e assistir a várias coisas ao mesmo tempo. Como se isso não fosse o suficiente, ele tem uma coleção infinita de VHS e um armário cheio de jogos de tabuleiro. Os únicos jogos que o meu pai jogava eram “Quão rápido eu consigo esvaziar essa garrafa?” e “Quantas vezes eu consigo

abandonar minha família e voltar só para depois ir embora de novo?”. Minha mãe quer que eu chame Abbas de “Baba” ou “Papai”, mas isso nunca vai acontecer. Um homem com esse monte de versões de Banco Imobiliário nunca poderia ser meu pai.

Estou assistindo a *Supergatas* na TV e, em um quadro menor no canto da tela, está passando *A história sem fim*. Seguro com força a ponta do aparelho, a parte que está enfiada na gengiva, e puxo. Com força. Dou um puxão no negócio como se estivesse brincando de cabo de guerra, e logo ele começa a soltar. Sinto uma dor intensa, e, com ela, uma súbita liberdade. A sensação é boa. Talvez a liberdade sempre seja dolorosa. Era isso que meu pai costumava dizer sobre a revolução. Tem sangue também, muito sangue. Vejo em minhas unhas, que agora estão vermelho-rubi, como as da minha mãe.

Ela, que está sentada à mesa lendo uma revista de decoração de interiores, olha para mim e grita:

— Reza, o que você fez? Ficou maluco?

Olho para ela enquanto o gosto de sangue se acumula no fundo da garganta. Ela puxa um lenço de dentro de uma caixa dourada e se aproxima para ajudar a me limpar. Mas antes que consiga tocar meu rosto, eu a afasto e pego o lenço.

— Eu sei me limpar sozinho — digo.

Ouçó o tom irritado na minha voz e imediatamente me sinto culpado. Como eu queria que ela soubesse a verdade, que só estou tentando mantê-la a salvo. Não sei se meu sangue é tóxico. Se eu contraí aquilo de tanto pensar em garotos no vestiário.

— Você realmente ficou maluco — afirma ela, com delicadeza o bastante para me deixar culpado mais uma vez.

Quero dizer que é óbvio que fiquei maluco. Como ela esperava que eu ficasse depois de tudo que aconteceu com a nossa família? Mas, em vez disso, apenas respondo:

— Acho que preciso ir ao dentista.

A gente se mudou para cá recentemente, e ainda não tenho um médico. Minha mãe suspira, sem saber o que fazer. Consigo sentir as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ela murmura baixinho. Então pega a lista telefônica e a folheia até que suas unhas pintadas de vermelho-rubi parem em cima da imagem de um homem sorridente.

— Esse parece bom — anuncia.

— Não dá pra ter certeza — digo. — Todos eles têm dentes tortos.

Minha mãe finalmente sorri. Quase ri. Seus dentes, é claro, são perfeitamente alinhados e reluzem de tão brancos. Tem coisa aí; ela não quer ligar para Abbas e incomodá-lo no trabalho. Não quer que ele saiba que seu novo enteado é o tipo de garoto problemático que arranca o próprio aparelho. Quer lidar com os problemas de maneira reservada e silenciosa. Esse é o jeito dela.

— Não consigo lidar com isso agora — declara.

Mas ainda assim corre comigo até o dentista, provando que, de fato, consegue lidar com isso agora. Ela é assim. Sempre consegue lidar com tudo na hora.

Enquanto estou deitado na cadeira do dentista ouvindo minha mãe e o médico conversarem, minha mente divaga. Faço isso às vezes. Tenho medo de abrir a boca e acabar dizendo

alguma coisa errada, revelando alguma coisa sobre mim que não deveria. Então escuto. E se escuto por muito tempo, as vozes começam a ficar abafadas, como se eu estivesse imerso no oceano. Quando era criança, eu costumava me afundar na banheira todas as vezes que meus pais começavam a brigar. Ou, especificamente, quando meu pai gritava e minha mãe tentava acalmá-lo. Eu ainda conseguia ouvi-los debaixo d'água, mas os sons pareciam distantes. E eu me sentia a salvo. Ou quase.

Saiu tanto sangue, doutor. Devo chamar você de doutor?

Tenho tantos pacientes persas. Eu amo seu povo.

Conseguimos resolver isso antes que meu marido volte do trabalho?

E é tão bonito. Todos os persas têm cílios longos assim?

O dentista veste suas luvas azuis, e isso me faz sentir um pouco melhor. Queria que todo mundo pudesse se cobrir com uma luva de látex gigante, como uma armadura. Não seria tão diferente de como era no Irã, onde as mulheres usam xador. Lá, acredita-se que essas vestimentas protegem os homens de pensamentos impuros. Quem sabe látex ao redor de todo mundo me proteja dos meus.

— Que criança quieta — comenta o dentista. — As minhas não param de falar.

— Eu não sou criança — digo, saindo do meu transe. — Tenho 17 anos. Deveria poder tomar minhas próprias decisões.

— Reza — repreende minha mãe. — Quando você tiver a minha idade, vai me agradecer. Prometo.

Minha mãe já fez muitas promessas para mim. Que a revolução nunca daria certo. Que meu pai mudaria. Que eu cresceria e me tornaria um homem bonito.

E nunca chegarei à idade dela, mas não faço esse comentário. Nem digo que sei disso desde o momento em que saímos do Irã e aterrissamos em Toronto. Eu tinha 11 anos, sem qualquer noção do mundo. Mas sabia que meu pai nunca mudaria e que minha mãe finalmente tinha sido forte o bastante para se separar dele. E havia algo mais que eu sabia. Algo que descobri quando fui nadar com os outros garotos pela primeira vez e um deles tirou a sunga. Eu sabia que desejava outros garotos, tocá-los, abraçá-los, estar com eles. Escondi essa descoberta e a enterrei. Mantive-a segura dentro de mim. Então pousamos em Toronto, e minha mãe e minha irmã foram até a banca do aeroporto para olhar as revistas de moda, escolhendo quais comprariam, comentando sobre a beleza de Isabella Rossellini.

Ela não parece levemente iraniana?

Bem, iranianos e italianos não são tão diferentes assim.

Sem xador. Eu não acredito.

Ela e a mãe são idênticas. Vocês dois se parecem com seu pai.

Eu acho que quero ser a primeira supermodelo iraniana.

Meus olhos estavam vidrados em outra seção da banca, na capa da revista *Time*. “A histeria da aids”. Minha mãe e minha irmã estavam tão absortas analisando o tom de pele de Isabella que consegui folhear a revista discretamente e, naquelas páginas, vi doenças, enfermidades, lesões, homens jovens morrendo. Eu sabia que gostava quando os garotos tiravam suas sungas. Mas o fato de que aquilo poderia me matar era desconhecido para mim até aquele momento. Até a revista *Time* me informar que eu morreria em breve.

Vivo com medo desde então.

— Eu só queria conseguir sorrir este ano — digo à minha mãe e ao dentista em tom de súplica.

Antes de usar aparelho, meus dentes da frente eram tão escondidos dentro da gengiva que, mesmo quando eu sorria, eles continuavam invisíveis para o mundo. Essa tragédia era o que me impedia de sorrir, mas, honestamente, eu tinha muitas outras razões para não sorrir.

— É pedir demais? Conseguir sorrir sem assustar as pessoas? Começar o ano em uma escola nova sem ser o garoto quatro-olhos-boca-de-lata que é alvo de piada de todo mundo? Ter alguém que realmente... goste de mim?

Sinto o rosto esquentar.

Minha mãe sorri.

— Ah — diz ela, e então acrescenta mais algumas sílabas do jeito que adora fazer: — Aaaaaaah.

Não tenho ideia do que está se passando em sua mente hiperativa, mas ela revela:

— Agora eu entendi. Você quer uma namorada!

Ela não entendeu. Nunca vai entender.

Minha mãe se vira para o dentista.

— Existe alguma coisa que a gente possa fazer? Com o seu aval, é claro.

Não entendo por que ela trata o dentista como se ele fosse seu cúmplice, e não uma pessoa aleatória que ela encontrou na lista telefônica. Ou como um desconhecido esquisitão que gosta de comentar sobre seus belos cílios.

O dentista faz um acordo comigo. Ele vai tirar o aparelho fixo se eu me comprometer a usar um aparelho móvel todas as

noites, sem falta. Dou de ombros e aceito. Um sorriso discreto de vitória se abre no meu rosto.

Quando voltamos para casa, corro até meu quarto, grande demais para mim, e paro na frente do espelho. Passo a língua pela boca, sentindo os dentes lisinhos. Talvez eu seja um pouco obcecado pelos meus dentes, talvez tenha passado tempo demais analisando-os, medindo com uma régua seus mínimos avanços dia após dia. Mas, agora que estou sem aparelho, consigo perceber que toda essa obsessão me poupou de pensar sobre o quão deprimente é todo o resto da minha aparência: meu corpo magrelo e não definido (baixo demais para ser esguio, fraco demais para ser atlético), as bochechas gorduchas de bebê (que eram apertadas pela minha irmã sem dó nem piedade), e o cabelo cheio e despenteado que mais parece um esfregão.

Minha aparência patética fica ainda mais evidente quando Saadi entra no quarto sem bater na porta. Minha irmã está na faculdade agora (ou, pelo menos, fingindo que está, já que ninguém acredita que ela seja capaz de frequentar as aulas ou ler um livro), mas acabei herdando um meio-irmão. Ele tem 1,82 metro de altura. E joga lacrosse, seja lá o que é isso. Tem a minha idade, mas o dobro do meu tamanho. Anda pela casa de cueca boxer e boné de beisebol branco e me chama de “pequeno príncipe”, porque meu nome é uma homenagem ao antigo imperador do Irã, embora meu pai o odiasse. Acho que isso diz muito a respeito do quanto meu pai foi presente na minha vida, mesmo quando eu ainda era um recém-nascido. Acho que odeio o imperador também. Se ele tivesse sido poderoso o bastante para acabar com a revolução, talvez ainda

morássemos juntos em um lugar onde as pessoas se parecem comigo.

Ele começa a abrir minhas gavetas.

— Cadê o meu CD do Fine Young Cannibals? — pergunta ele.

— Eu, humm, nem encostei nele.

Mantenho o olhar no espelho, mas, pelo reflexo, vejo Saadi se abaixando para abrir a última gaveta.

Por um momento, comparo suas pernas grossas às minhas esqueléticas, mas, assim que o momento passa, nem penso mais nas minhas pernas. Tudo que existe são as pernas dele, as costas, os ombros. Eu me odeio. Queria estar com o aparelho outra vez só pra poder arrancá-lo de novo. Queria morrer e, se existir vida após a morte, encontrar meu pai e dizer que sou tão fracassado quanto ele foi.

— Dá pra parar de me encarar? — diz ele.

Não é uma pergunta, é uma ordem.

Rapidamente, desvio o olhar para a janela e observo a rua lá fora. Vejo sacos de lixo empilhados perto de uma árvore e me sinto tão enjoado que quase consigo sentir o cheiro deles.

— Eu não estava observando você — desdenho.

— Por que você fala desse jeito?

— Desse jeito como?

— Tão formal. Como se tivesse acabado de chegar aqui. Se solta. Você não morou no Canadá nos últimos anos? Eles não falam que nem gente normal por lá? Estamos em 1989. Você fala como se estivéssemos em 1889.

— Eu não sei como gente normal fala — argumento, e é exatamente por isso que costumo ficar quieto.

— Sua família tinha que ter saído do Irã durante a revolução, como todo mundo fez — diz ele. — Não entendo por que vocês ficaram lá.

Ficamos porque meu pai acreditava nos ideais da revolução, embora minha mãe tivesse percebido quase imediatamente que era uma revolução corrupta. E também porque minha mãe ainda não estava pronta para deixar meu pai.

— Já falei pra você parar de ficar me olhando. Melhor que não seja bicha, hein? — comenta ele. — Um por escola já está de bom tamanho.

Meu coração acelera. Será que é porque essa besta peluda percebeu em tão pouco tempo o que a minha mãe não conseguiu enxergar em dezessete anos? Ou talvez porque agora eu saiba algo sobre a minha nova escola que não imaginaria nem nos meus sonhos mais loucos... que existe alguém como eu?

— Eu não sou bi... — mas a palavra não sai.

Eu quero dizê-la. Sei que, se eu disser, ele não vai achar que eu sou.

Ele abre outra gaveta, empurrando minhas roupas de baixo; cuecas brancas e engomadas que, comparadas às dele, parecem pertencer a uma criança. Esse quarto era de Saadi antes, mas ele precisou se mudar para o antigo quarto de hóspedes.

— Estou de sacanagem — falou ele. — Sei que você não é bicha. Minha mãe diz que, por sorte, a homossexualidade é um problema que os iranianos não têm. A gente não tem esse gene ou coisa do tipo. Mas o Art Grant com certeza tem.

Ele abre mais uma gaveta e finalmente encontra o que procurava.

— Achei — afirma ele, e com o CD nas mãos, olha para mim. — Ei, pequeno príncipe, meu pai pediu para eu tomar conta de você na escola.

— Ah. Hum, acho que não vai ser necessário. Sei cuidar de mim mesmo.

O que é uma mentira, mas sou bom em desaparecer no meio da multidão.

— Imaginei. Você parece mesmo um cara forte e independente — provoca ele com um sorrisinho. — Mas vou ficar observando de longe, só pra garantir que está tudo bem. — Ele abre um sorriso maior e acrescenta: — Tô de olho em você.

Ele fala como se fosse uma ameaça, e eu sei que é.

Quando ele vai embora, fecho a porta do quarto e coloco uma cadeira na frente. Preciso de privacidade. Encontro o anuário que a escola me enviou. Está na minha estante, ao lado dos livros da lista de leituras obrigatórias de férias (Maya Angelou, Bram Stoker, George Orwell) e dos livros de Homero que quero ler nos próximos meses. Folheio rapidamente as páginas, observando as pequenas fotos em preto e branco dos meus novos colegas de classe. A maioria é surpreendentemente parecida, os garotos com camisa de botão e cabelos repartidos para o lado, as garotas de rabo de cavalo e fazendo biquinho. Reparo em uma garota chamada Judy, que não se parece tanto com as outras. Ela usa muita maquiagem e tem um olhar penetrante, e acho legal que tenha mais alguém diferente na escola.

Mas estou procurando por Art Grant. Vou até a letra G, mas não encontro de primeira, então deduzo que Art deve ser apelido. Ele aparece na lista como Bartholomew Emerson Grant VI, e é bem difícil não notá-lo. O cabelo é raspado nas laterais, e um moicano cai suavemente sobre o lado direito do rosto, que está um pouco virado, provavelmente para mostrar o brinco na orelha esquerda. Art tem um sorriso malicioso, como se soubesse exatamente o que as pessoas pensam a seu respeito, como se desafiasse qualquer um que estivesse olhando a foto a chamá-lo de bicha mais uma vez, como se mandasse todos os Saadis do mundo para o inferno. Mesmo em preto e branco, seus olhos parecem os de um gato, desafiantes, contestadores. Certa vez minha mãe disse que não importa de onde observamos, sempre vamos achar que a Mona Lisa está olhando diretamente para nós. É assim que me sinto com essa foto. Como se Art olhasse diretamente para mim. Como se me enxergasse.

Impactado por aquela imagem, fecho o anuário rapidamente, mas o rosto dele ainda me assombra. Não consigo parar de pensar em Art, em sua cabeça raspada, sua orelha furada, os lábios diabólicos. Preciso parar com isso e sei que só existe uma maneira. Deito na cama, fecho os olhos e abro o zíper da calça. Vejo Bartholomew Emerson Grant VI criar vida, entrar no meu quarto e deitar comigo na cama. Ele me beija, tira a minha roupa, me diz para não ter medo. De repente ele desaparece e tudo que enxergo são imagens de homens morrendo, cheios de feridas.

Eu me odeio. Odeio esses pensamentos. Odeio Bartholomew Emerson Grant VI.

Fecho os olhos com mais força e sinto a respiração acelerar. Quando termino, expulso todo o ar que existe dentro de mim, torcendo para que o oxigênio leve junto essa doença. Sei que é só uma fase. Tem que ser. Depois que cresci, deixei de precisar do meu coelhinho de pelúcia o tempo inteiro. Depois que cresci, parei de odiar berinjela e querer colocar batata frita do McDonald's em todos os pratos persas que minha mãe faz. Sei que vou crescer mais e deixar isso para trás também. Preciso, porque não posso estragar o novo casamento da minha mãe. E porque, mesmo sabendo que ela consegue lidar com qualquer coisa, não creio que ela consiga lidar com a minha morte.

Preciso viver e, para isso, nunca vou poder ser aquilo que sei que sou.

ART

A ironia disso tudo é o que percebo primeiro. Nunca me senti tão vivo e estou cercado de gente morrendo. Em uma cidade completamente segregada, esse centro comunitário está lotado de pessoas de todas as raças, idades, gêneros e classes sociais. Banqueiros e dançarinos, todos no mesmo lugar, com um propósito em comum: lutar por poder, foder com o sistema e mostrar a todos os presidentes e CEOs do mundo do que somos capazes. Não existe nenhum outro lugar nesta cidade com tanta energia, com tantas cores, com tanta diversidade. Talvez a morte seja o que nos torne iguais. Só que não é. Porque os gays parecem morrer muito mais. A minha comunidade. A ironia é que, aqui, não tem problema eu ser gay. Tentei ser gay em casa, mas com os meus pais, com todo aquele julgamento e negação, com aquelas fotos de Ronald e Nancy Reagan me encarando em molduras prateadas, não deu muito certo. Nem na escola, onde somos obrigados a usar um uniforme engomadinho cinza e azul-marinho, que basicamente diz para nos conformarmos com as normas heterossexuais, sem mais nem menos. Aqui nesta sala,

não preciso ser cinza ou azul-marinho; posso ser um arco-íris cheio de orgulho.

— Temos um novo caso — anuncia uma mulher.

Ela é bem alta, tem o cabelo raspado curtinho e veste um macacão por cima de um sutiã preto, o que me faz amá-la imediatamente. Parece o tipo de mulher que poderia ser a melhor amiga da Molly Ringwald em um filme adolescente. Levanto a câmera que está pendurada no meu pescoço, onde fica basicamente o tempo todo, e tiro uma foto dela. Sua voz está tensa, uma mistura de raiva e medo.

— Está escondido na última página do jornal, é claro. Eles não gostam de colocar nossas histórias na primeira página. Estão dizendo que os adolescentes são as novas vítimas da praga. *Adolescentes*.

Todos os olhos se voltam para mim e Judy. Tem quase trezentas pessoas amontoadas nesta sala suja, mas nós dois somos os únicos adolescentes. E somos os mais fabulosos também. Judy está usando uma camisa desfiada azul-clara, calça legging listrada e coturnos. Ela mesma criou esse look. Tipo, com uma máquina de costura. Judy é brilhante nesse nível. Ela costuma brincar dizendo que um dia será estilista porque a aids está acabando com toda a concorrência, mas isso não é verdade. Ela vai conseguir porque é muito talentosa.

Nos entreolhamos.

— Meu Deus — sussurra Judy para mim. — Por favor, me diz que eles não vão obrigar a gente a falar.

— A nossa cultura está em estado de severa negação — prossegue a moça de macacão. — *ADOLESCENTES*. Eles

estão transando por aí. E ninguém está conversando com eles sobre os riscos. Precisamos protegê-los!

Quando ela diz a palavra *adolescentes*, o faz com um nível de paixão que me assusta, como se ser adolescente fosse algo tão intenso que a palavra precisasse ser proferida em tom de alerta.

— Acho que essa é uma das vantagens de ninguém querer transar com a gente — sussurra Judy. — Não vamos pegar aids.

Eu e Judy não fizemos um pacto de castidade nem nada do tipo, apesar de ser isso que nossos pais e o professor de Educação Sexual recomendariam. É apenas um fato que temos ZERO perspectivas românticas nesse mundo. A vantagem é que sempre teremos um ao outro. Eu sou o único gay assumido da escola, e Judy não é exatamente o tipo de garota que a maioria dos garotos procura, apesar de ela já ter ficado com alguns. Eu acho ela maravilhosa, é claro. Uma mistura de Cindy Lauper com uma pintura de Botero. Mas, como ela sempre diz, não adianta de muita coisa ser maravilhosa só para os garotos gays. E ela tem permissão para fazer piadas sobre aids porque o tio dela, Stephen, tem aids e faz piada sobre isso o tempo todo. Ele diz que está perto demais da morte para NÃO se divertir com ela.

— Fale por você — digo. — O time de basquete inteiro quer transar comigo — faço uma pausa dramática, então completo: — Eles só não sabem ainda.

Judy sorri e dá um tapinha no meu ombro exposto pela regata que comprei aqui no centro comunitário, no encontro anterior. Faz alguns meses que eu e Judy comparecemos aos encontros. No começo, Stephen não nos deixava vir. Mas imploramos e acabamos conseguindo convencê-lo. Ele ainda

não nos deixa ir aos protestos, mas estamos nos esforçando para isso.

— Cala a boca — responde Judy. — Isso aqui é um encontro sério, com pessoas sérias, discutindo uma questão séria sobre os *ADOLESCENTES*.

Stephen, o tio de Judy, se levanta, arruma o xale e limpa a garganta. Ele é totalmente dramático, e amamos isso nele. Houve uma época em que ele também era o homem mais lindo e carismático que já conheci. Hoje, parece um fantasma. Mas ao menos continua vivo. Seu marido, José, já se foi, no sentido de que não está mais com a gente, no sentido de que faleceu. O hospital jogou o corpo dele em um SACO DE LIXO. José é uma das 94 pessoas próximas que Stephen perdeu para a doença. Ele tem uma lista. E também uma jarra onde coloca uma jujuba toda vez que alguém morre. Diz que, quando estiver prestes a morrer, vai comer todas para que os amigos estejam sempre com ele. Quando Stephen começa a falar, eu tiro uma foto dele.

— Que tal um protesto em frente à secretaria de educação? — pergunta ele. — Poderíamos exigir mudanças nas políticas de educação sexual. Exigir distribuição de camisinhas. A gente poderia se fantasiar de bibliotecários. Tenho uma camisa perfeita pra isso!

Outro homem — extremamente magro, com bochechas cadavéricas — se levanta.

— Não podemos nos distrair, não temos tempo nem recursos para isso — retruca ele. — Sabemos quem é o verdadeiro inimigo. O preço do AZT está obsceno. Temos um plano, e vamos precisar de toda a atenção de vocês.

— Bem, é pra isso que esse grupo serve — diz Stephen. — Estou dentro. Como todos vocês, estou disposto a me arriscar e ir preso... de novo.

Algumas risadas enchem o salão, em solidariedade ao número de vezes em que todos eles foram presos e soltos. Geralmente, é assim que funciona. Os membros da ACT UP recebem um treinamento contra insubordinação e, geralmente, são liberados sem precisar passar pelo sistema carcerário. Mas existem exceções, e ninguém quer ser a exceção. No canto da sala, vejo um homem com uma jaqueta de couro observando um jovem dançarino bonitão. O olhar que trocam é bem intenso. Para uma reunião sobre um vírus sexualmente transmissível, esses encontros são um espaço surpreendentemente ótimo para flertar. Tiro uma foto dos dois.

— Mas também precisamos encontrar um jeito de impedir novos casos — prossegue Stephen. — E qual é o melhor lugar para começar a educar os jovens? — Ele olha para mim e Judy, acrescentando carinhosamente: — Nossos jovens puros e inocentes.

— Se a minha cara não for o bastante para assustar os jovens que ainda pensam em fazer sexo sem proteção — comenta o homem magro —, eu não sei como um protesto na secretaria de educação poderia ajudar.

Ele tem razão. Olho para seu rosto e percebo que essa é a imagem que tenho visto em todos os meus pesadelos desde que entendi o que é sexo e concluí que eu e Judy não vamos nos casar e ter filhos como costumávamos dizer, porque eu realmente quero transar com o time de basquete inteiro. E com

o de futebol. E com todos os membros do Depeche Mode e do The Smiths. Basicamente, eu quero transar com qualquer um que se identifique com o gênero masculino. Mas o rosto desse homem — esquelético e coberto com uma maquiagem esfarelada que mal esconde seus hematomas roxos — é o que me impede de realizar todos esses desejos. É o rosto que eu e meu pai vimos, cinco anos atrás, quando estávamos sentados na área externa de um desses bistrôs franceses horríveis onde todos os homens usam ternos idênticos e todas as mulheres vestem animais mortos. Um desses rostos passou por nós, levando um poodle em uma coleira, e meu pai olhou para ele — para o rosto, não para o poodle — com cara de nojo e disse:

“Eles merecem. Talvez quando tudo isso acabar não teremos mais nenhum deles na cidade. Quem sabe até no mundo. Não seria incrível?”

Então, o rosto foi embora e fiquei ali sozinho com meu pai, um prato de filé com fritas e uma nova barreira entre nós.

Como ele poderia saber que alguns meses antes eu tivera meu primeiro sonho erótico com o Morrissey? Como poderia saber que eu havia descoberto — depois de passar toda a infância me achando igual a todo mundo — que eu era não apenas diferente, mas desprezado? Que ele tinha acabado de sugerir que o mundo seria um lugar melhor se o próprio filho morresse depois de alguns anos de lesões, diarreia e cegueira? Minha vontade foi me aproximar e estrangular meu pai. Exterminar a existência dele e a de qualquer pessoa com aquele tipo de ódio no coração. Eu conseguia até enxergar as manchetes: *A fortuna é antiga, mas o escândalo é novo! Banqueiro mesquinho é assassinado por*

filho afeminado ou *A vingança de um gay: Filho estrangula pai brutalmente*. Mas eu não o matei. Apenas comi o bife em silêncio enquanto ele falava sobre suas últimas negociações.

— Temos dois adolescentes aqui hoje — declara Stephen, apontando para mim e Judy. — Minha linda sobrinha Judy e seu melhor amigo, Art. Não quero colocar pressão nem nada, mas talvez vocês possam nos contar um pouco sobre suas experiências.

— Nós não temos nenhuma experiência — diz Judy, meio alto demais. — Ao menos não nesse departamento. Nenhuma. Nada. Somos basicamente Doris Day e Sandra Dee.

Um homem no canto da sala, com cabelo cor-de-rosa, se manifesta:

— E mesmo se eles tivessem, vocês acham que iriam compartilhar em uma sala cheia de adultos, incluindo seu tio? Esqueceu de como é ser adolescente, Stephen?

— Dobre sua língua — retruca Stephen. — Acabei de fazer 19 anos.

Quando diz isso, Stephen parece estar em um dos seus filmes melodramáticos. Ele ama filmes antigos em preto e branco. É engraçado porque Stephen é a pessoa mais colorida que eu conheço. É a cor mais brilhante de todas. Uma pessoa em Tecnicolor.

— Tenho uma coisa pra dizer. — Lá estava eu falando. Minhas mãos suam, e minha voz treme. — Eu, humm, é uma coisa que eu acho, tipo, superimportante. É que, bem, eu acho que tem uma coisa que vocês estão esquecendo, mesmo se a secretaria de educação conversasse com os adolescentes.

Faço uma longa pausa, e Stephen balança a cabeça, me incentivando.

— São os pais — digo, finalmente. Isto é o resumo do que eu quero falar, mas, quando começo, não consigo mais parar. — São os pais que precisam mudar primeiro. Porque enquanto eles continuarem dizendo para os filhos que ser gay é pecado ou que essa doença é a arma de Deus para matar os gays, ou que abstinência sexual é o único jeito de não morrer, ou que a gente pode contrair a doença sentando em uma privada contaminada, nada mais importa. Porque adolescentes, bem, nós não contamos o que fazemos para os adultos porque já sabemos como eles vão reagir. A gente já sabe que eles vão fingir que nem ouviram, vão nos deixar de castigo ou colocar a culpa na gente. E, sabe, a maioria dos pais não é como vocês.

— Graças a Deus, eu seria o pior pai do mundo — admite um homem no fundo da sala, mas Stephen faz um gesto para que se cale.

— Eu nem sei o que estou querendo dizer — comento.

Stephen acena para mim mais uma vez. O que estou querendo dizer é: Stephen é o pai que eu gostaria de ter, o pai que eu deveria ter, o homem que eu considero meu pai espiritual. E a vida para pessoas gays é extremamente injusta, porque a maioria nasce em famílias que não as compreende. E isso no *melhor* dos casos. O pior é... ser agredido, expulso de casa, jogado na rua. Acho que tenho sorte da minha situação estar entre os dois extremos. Quer dizer, sei que meus pais acham que eu sou um perverso, mas não me deserdaram nem nada do tipo. Provavelmente porque, se fizessem isso,

inevitavelmente o nosso círculo social inteiro descobriria o motivo. E eles querem manter as aparências ao máximo. Eles só se importam com a forma que somos vistos pelo seu clubinho de gente rica. Quando contei o que os dois já deviam saber, levando em conta todos os pôsteres do Boy George no meu quarto, meu pai simplesmente saiu da sala, como se estivesse numa reunião de negócios que decidiu encurtar. E minha mãe... bem, minha mãe olhou para mim decepcionada, como se eu tivesse tirado uma nota baixa em matemática ou coisa do tipo. Então disse que ficaria tudo bem, desde que eu não fizesse nada e não contasse para ninguém.

Eles nunca mais mencionaram essa conversa, nem quando eu uso lápis de olho e regata, ou quando pinto o cabelo, ou boto Madonna para tocar tão alto que a casa inteira fica parecendo uma Parada Gay. Eles basicamente escolheram me ignorar, e eu escolhi dificultar essa tarefa para eles.

— Acho que o que estou querendo dizer é que alguém deveria protestar contra os pais. Talvez não, tipo, todos os pais. Mas alguém deveria protestar contra os *meus*.

Finalmente me calo.

— Me passa o endereço deles e deixa com a gente — diz o homem de cabelo cor-de-rosa, se virando para mim.

Me sento, com o rosto quente e as mãos trêmulas. Eu já estive em alguns desses encontros com Judy antes, mas era a primeira vez que eu me manifestava. Felizmente, o rumo da conversa volta para a próxima ação do grupo. Seis homens vão se vestir como investidores, usando crachás falsos, e se infiltrar na Bolsa de Valores de Nova York para protestar contra a

companhia farmacêutica que está vendendo o AZT a preços proibitivamente caros. Ao ouvir isso, percebo como é difícil ser eloquente, o quanto estou irritado e como não faço a menor ideia de como ser um ativista. Então ergo a mão e me levanto novamente.

— Eu quero ajudar — digo, apenas.

Stephen me olha feio, mas eu o encaro de volta. Essa é uma das vantagens de ele não ser meu pai de verdade. Não preciso da sua permissão. E nada é mais importante para mim do que acabar com a aids. Sim, eu quero ajudar as pessoas e não quero morrer antes da hora, e estou tomado de amor por Stephen, inspirado e completamente envolvido pela energia que circula no salão. Mas há muito mais do que apenas isto. Não sei como vou começar a viver enquanto essa doença for tão violenta. Quem vai me amar se tudo que enxergarem em mim é a chance de eu matá-los? Judy vai acabar encontrando alguém. Ela provavelmente vai ter filhos, se tornar uma estilista famosa, viver em um apartamento de luxo no Upper West Side, aproveitando a vista do parque com seu marido arquiteto gostosão. E eu... ou vou morrer, ou ficar sozinho para sempre, porque todos os outros caras terão medo de mim. Não me resta escolha a não ser fazer alguma coisa para mudar isso.

— Art — cochicha Judy para mim. — Essas coisas são perigosas. A polícia sempre aparece...

Ignoro.

— Aham, mas eu quero ajudar — repito, com mais firmeza desta vez. — Só me digam aonde eu preciso ficar.

Não sei como, mas essa decisão vai mudar a minha vida. Sou meio sensitivo às vezes. Vejo cores. Não consigo descrever direito, mas sei que, neste momento, é como se um cor-de-rosa brilhante me iluminasse por inteiro, e tudo parece certo. Entrego minha câmera para Judy.

— Tira uma foto minha? — sussurro.

— Por quê? — pergunta ela.

— Quero me lembrar desse momento.

JUDY

A princípio, tudo que vejo são seus olhos. Eles me fitam por cima da porta comprida e azul do armário. Castanho não faz jus à cor destes olhos. Meus olhos são castanhos. Os dele são uma coisa completamente diferente. Olhos de outras cores evocam imagens tão bonitas. Os azuis me lembram um oceano profundo e um céu infinito. Os verdes me lembram vastos gramados ou pedras de esmeralda milenares. Mas castanho não evoca muita coisa, né? Lama. Terra. Excremento. Basicamente, a descrição dos meus olhos. Mas os dele são como o caramelo mais raro já criado. Parecem um deserto enorme, infinito, lindo, romântico, deslumbrantes como o deserto do Saara. Mas não é como se eu já tivesse visto qualquer um desses lugares, salvo em cenas de filmes antigos da Marlene Dietrich que meu tio escolheu em uma das nossas noites de cinema aos domingos.

Quando finalmente consigo desviar meus olhos castanhos e sem graça daqueles olhos caramelo, olho para baixo e vejo os pés descalços, também cor de caramelo, com alguns pelos escuros em cada dedão. Basicamente vejo seus olhos, a porta comprida do armário e os pés descalços, e é inevitável pensar que esse

garoto misterioso está pelado e que, por trás desta porta, ele está mostrando a bunda para a escola inteira. Seu dedo indicador é maior do que o dedão. Percebo isso logo de cara porque uma vez Art me disse que caras com o indicador maior que o dedão são muito bons de cama ou vão acabar ficando muito ricos. Não lembro direito. Art tem um monte de teorias e superstições, tipo que pessoas com os dentes da frente separados têm mais chances de serem gênios, mas com certeza ele só acredita nisso porque ele e a Madonna tem um espaço enorme entre os dentes. Se eu fosse o Art, começaria a espalhar a teoria de que garotas gordas com um estilo à frente do tempo e franjas pretas cortadas bem retinhas são o povo escolhido.

— Você é a Judy, não é? — pergunta o garoto misterioso com a voz tímida, a boca ainda escondida atrás do armário.

Peraí, ele sabe seu nome, Judy. Talvez tenha vindo de uma terra distante só para te encontrar. Mas o que você vai vestir no casamento? Tudo menos um vestido branco e sem graça. Talvez um vestido de alcinha com um véu absurdamente longo.

Meu olhar vai de seus olhos (continuam perfeitos) aos seus pés (continuam perfeitos). Olhos. Pés. Olhos. Pés. Ah, e eu ainda nem falei sobre o cabelo: preto, denso, ondulado. Deixo minha mente viajar, imaginando que ele realmente está pelado atrás do armário e que, daqui a pouco, vai se mostrar completamente para mim: corpo, coração e alma. Art sempre diz que eu vou encontrar minha alma gêmea primeiro, e eu sempre digo ele está completamente errado. Mas talvez não esteja. Art diz que enxerga a aura das pessoas e das coisas. Acho

que ele inventa essas coisas só para parecer mais interessante, mas pode ser que tenha razão.

— Hum, sim, eu sou a Judy — confirma. — E você quem é, garoto pelado?

Cala a boca, Judy. Isso não é um monólogo na sua cabeça. Ele consegue te ouvir.

— Perdão? — indaga ele, rindo, e percebo o sotaque sexy.

— Meu Deus, eu que deveria pedir perdão — digo. — É só que você está descalço, então, daqui, meio que parece que você está pelado aí atrás.

Estou parecendo uma idiota, mas qual é a novidade? É exatamente por isso que, em geral, eu só converso com o Art e meu tio Stephen. Sei que eles não vão me julgar, seja lá qual for a besteira que sair da minha boca. E, sim, eu tenho pai e mãe. E, sim, eles me julgam, na maioria das vezes em silêncio ou com comentários irritantemente solidários sobre como eu poderia emagrecer um pouquinho. Só pra deixar claro, minha árvore genealógica inteira está repleta de calvície feminina e câncer, então estar um pouquinho acima do peso é o menor dos meus problemas.

Ele fecha a porta do armário e mostra que, de fato, *não* está pelado. É, a fantasia acabou. Mas ele também não está com o uniforme da escola. A bermuda cáqui e a camisa polo branca são apropriadas para a onda de calor de setembro, mas totalmente impróprias para essa prisão na qual meus pais decidiram me matricular, mesmo que a mensalidade esteja acabando com eles financeiramente.

— Meu meio-irmão disse que o uniforme era esse — explica ele. — Por sorte, eu trouxe sapatos esportivos para a aula de Educação Física, então estava só guardando as sandálias.

Então percebo que, além do já mencionado — e muito sexy — sotaque do Oriente Médio, ele também escolhe as palavras de um jeito bem esquisito.

— Nós chamamos sandálias de chinelos aqui — digo. — E sapatos esportivos a gente chama de tênis.

Ele assente e amarra o cadarço do tênis.

— Obrigado, Judy.

Eu me imagino abaixando e amarrando os cadarços para ele, massageando suas pernas no processo. Meu Deus, eu sou uma pervertida. Art sempre diz que héteros são muito mais pervertidos do que gays e, se nós dois fôssemos as únicas variáveis nessa situação, ele provavelmente estaria certo. Art é muito mais boca suja, mas eu sou muito mais mente suja. Só pode ser, porque é impossível que a mente das outras pessoas seja tão nojenta quanto a minha. Porque, convenhamos, já estou esfregando as coxas desse garoto na minha imaginação.

— Ei, como você sabe o meu nome, senhor Mistério? — pergunto, tentando flertar, mas, no momento em que as palavras saem da minha boca, percebo que estou sendo patética de um jeito que beira o bizarro.

— Ah, me mandaram isso aqui — explica ele, tirando um anuário do armário.

— E você estudou isso de verdade? — pergunto.

Não olho o anuário da escola desde o segundo ano, quando eu e Art decidimos avaliar todos os garotos, odiando a nós

mesmo por darmos nota dez para os maiores cuzões da escola, como se existisse correlação entre estupidez e beleza.

Ele confirma. Não quero fazer com que ele se sinta mal. Espero que não seja o caso.

— Eu não lembro de todo mundo, mas você se destacou.

É claro que se destacou. É a única gorda da escola.

— Então, hum... — gaguejo, tentando manter a conversa animada e fracassando. — Qual é o seu nome? Diferente de você, eu não estudei o anuário.

— Reza. Eu não estou no livro ainda. Não tiveram tempo de me incluir. Acabei de me mudar de Toronto e, antes, eu morava em Teerã.

— E depois você vai se mudar pra Tóquio? — pergunto, mas ele não entende a piada. — Sabe como é, cidades que começam com T.

— Ah — murmura Reza. — Entendi.

Se ele fosse o Art, estaríamos falando sem parar agora, listando todas as cidades com T que conhecemos. Tento pensar em outra coisa.

— Bem, eu queria que a minha foto fosse mais bonita. Fiquei parecendo uma garota que corta a própria franja em uma tentativa fracassada de parecer a Louise Brooks, mas acaba acertando no Primo It.

— Judy? — diz Reza com a voz tímida, e quando olho para cima, ele pergunta: — O que é franja? E quem é Louise Brooks? E Primo It?

Dou uma risada.

— Franja é essa coisa feia — explico, apontando para meu rosto — que o meu cabelo faz por cima da testa, que é tanto uma tentativa de cobrir as espinhas quanto um esforço para ficar parecida com a Louise Brooks, uma atriz de filmes mudos dos anos 1920 que nunca conseguiu trabalhar no cinema falado. E o Primo It é uma criatura peluda de um programa de TV chamado *A família Addams*.

Acho que ele quer me perguntar o que é cinema falado. Eu mesma precisei perguntar para o meu tio a um tempo atrás, mas ele simplesmente diz:

— Você está bonita.

Eu não digo nada porque, por dentro, estou surtando. Um garoto lindo acaba de me dizer que eu estou bonita. Preciso oficializar isso antes que alguma magrela o arranque de mim.

Outros alunos passam por nós, indo para suas salas, fofocando sobre as férias e, ainda assim, parece que eu e Reza estamos sozinhos. Ele tem uma coisa meio esquisita. Uma calma. Ele fala de uma maneira suave, escolhendo as palavras com cuidado. É perturbador e empolgante, talvez porque eu esteja acostumada com o Art, que cospe as palavras como se sua boca fosse um vulcão em erupção.

— Talvez você possa cortar meu cabelo qualquer dia — pede ele.

— Primeiramente, eu nunca encostaria no seu cabelo porque ele é perfeito — respondo. — Se os folículos capilares impecáveis do Rob Lowe e uma onda do mar perfeita tivessem um filho, esse filho seria o seu cabelo.

Qual é o seu problema, Judy? Por que você está falando assim?

— Em segundo lugar, a tentativa de cortar meu próprio cabelo foi um desastre que meu tio consertou. Se eu pareço minimamente uma pessoa normal, é graças a ele. Então, qual é a sua primeira aula?

Ele tira o horário das aulas do bolso e entrega para mim.

— Nós dois temos aula de inglês com o sr. Tompkins no primeiro tempo — comento. — Vem comigo.

Mas antes que a gente siga pelo corredor, Art vem correndo freneticamente em nossa direção, o rosto encoberto por um gorro, o que é uma escolha estranha para o calor escaldante de setembro. Ele já está desconfortavelmente perto de mim quando tira o gorro, mostrando o cabelo tingido com um tom estranho de lavanda que ficaria muito bem na crina de um pônei do *Meu pequeno pônei*.

— Ficou muito ruim?

— Ficou legal — minto, porque Art é meu melhor amigo e, como melhor amiga, sei que, se disser que ele está parecendo um pônei do *Meu pequeno pônei*, ele vai surtar.

Art diz que ele é dramático desse jeito porque os pais são muito rígidos e quase nunca demonstram emoções, então ele precisa compensar pela família inteira.

— Ok, você está claramente mentindo — retruca ele.

Art coloca o gorro novamente e se vira para a direita, percebendo a presença de Reza.

— Quem é você? — pergunta Art. — E o que você achou? Fala a verdade.

Reza encara Art com o que eu só poderia definir como medo ou nojo, e meu coração afunda um pouquinho. Percebo

de repente que quando — e se — eu finalmente me apaixonar, as chances do meu amante heterossexual ser homofóbico são altas. E eu não posso amar um homofóbico. É totalmente inaceitável, junto com unhas sujas e garotos que não lavam as mãos depois de fazer xixi, algo que Art disse ser uma epidemia que as mulheres não têm noção de que existe por frequentarem banheiros diferentes.

— Alô! — exclama Art, chamando Reza. — Você sabe falar?

Reza claramente não sabe como lidar com a energia superintensa de Art.

— O que eu achei... — repete ele, parecendo perdido.

Reza continua encarando Art, como se o analisasse, o que me deixa um pouco irritada. Meu melhor amigo não é uma aberração de circo. Quero me convencer de que Reza está fazendo isso porque é curioso. Tento não tirar nenhuma conclusão negativa precipitadamente. Sei que posso ser defensiva, protetora, crítica. Você escolhe.

— Do meu cabelo de sorvete! — grita Art, sussurrando. — É a maior tragédia desde que a Pepsi torrou o cabelo do Michael Jackson?

Me viro para Reza e começo a explicar:

— Michael Jackson é uma estrela da música pop. Ele começou a carreira como membro do Jackson Five antes de lançar o que eu considero sua obra prima, *Off the Wall*, então...

— Eu sei quem é o Michael Jackson — interrompe Reza.

— *Thriller* é a verdadeira obra-prima, e não mudem de assunto, por favor. Preciso de uma opinião sincera.

Ah, essa é outra coisa a respeito do Art. Quando ele está na roda, tudo é sobre ele. Nem tente tirá-lo do centro das atenções.

Reza não dá sua opinião sincera. Ele não diz nada. E isso deixa o Art maluco.

— Tudo bem, que seja, se você não pode se dar ao trabalho de responder uma simples pergunta, eu vou indo nessa — diz Art.

Mas ele não vai embora. Continua andando ao nosso redor.

Reza mantém o olhar distante e dá de ombros.

— Eu preciso, hum, ir para a aula.

Reza me dá um beijo sem jeito em cada bochecha e, enquanto faz isso, apoia as mãos na minha cintura por um momento, como se ela fosse um travesseiro com essa finalidade. Queria não ter comido aquelas rosquinhas no café da manhã.

Finalmente Reza se afasta e sai andando pelo corredor. Quando já está a uma distância segura, eu me viro para Art e pergunto, irritada:

— Qual é o seu problema?

— Hum, oi? — indaga ele, levantando o gorro mais uma vez para mostrar o cabelo.

— Art, eu estava tendo um momento com aquele garoto.

— Ah — responde ele. — Um momento tipo *sexual-healing-superfreak-like-a-virgin*?

Faço que sim, envergonhada.

— Sei lá. Acho que sim. Ele é novo na escola, e fofo, e parece, sei lá, diferente. Talvez eles gostem de garotas como eu em Teerã e Toronto.

— Ou em Tulsa — brinca Art, e abro um sorriso porque amo como, às vezes, nossas mentes funcionam do mesmo jeito.

— Ou Türkmenabat — continuo.

— Há quanto tempo você estava esperando para usar Türkmenabat no meio de uma conversa casual? — provoca Art.

— Acho que desde que eu nasci — respondo, sorrindo.

Eu e Art somos assim. É assim que nos comportamos nos nossos melhores momentos. Como duas peças de quebra-cabeça que decidiram escapar da caixa porque nosso encaixe é perfeito demais.

— Olha, eu sou um babaca, desculpa. — diz Art. — Prometo que o meu objetivo número um a partir de agora, tirando irritar os meus pais pintando meu cabelo com a cor mais gay que existe com exceção do arco-íris, vai ser te ajudar nesse romance com aquele bonitão de coração gelado. Entendeu bem, Frances?

Ah, sim, às vezes Art me chama de Frances, geralmente depois que diz ou faz alguma coisa idiota e precisa do meu perdão. Meu tio me deu o nome Judy em homenagem a sua “*Homo sapiens* favorita de todos os tempos”, e o nome verdadeiro da Judy Garland era Frances Gumm. Art gosta de acreditar que ele é a única pessoa que me conhece de verdade. O nome verdadeiro dele, aliás, é Bartholomew. Bartholomew Emerson Grant VI. Ele vem de uma longa linhagem de homens que, provavelmente, ficariam horrorizados de ter que dividir o nome com ele.

— Entendi — suspiro. — Você acha que esse ano eu finalmente vou arrumar um namorado?

— Espero que sim. E se for ele, sorte sua. A bunda dele é melhor do que *De volta ao Vale das Bonecas*.

Esse é um filme que o meu tio fez a gente assistir.

— Isso significa que sua quedinha pelo Ben Stark acabou? — pergunto a ele.

— Sim, acabou quando ele escreveu *fabricação* errado na carta do editor para o jornal da escola — respondo.

Balanço a cabeça, me perguntando como eu poderia ter uma quedinha por qualquer pessoa que não fosse o Reza.

— Vamos, meu querido pônei, temos que chegar na sala antes que o sinal toque.

— Sua piranha mentirosa. Eu fiquei horrível, né? — resmungo ele. — Vou te queimar numa fogueira.

— A gente ama *Meu pequeno pônei*.

— I-ro-ni-ca-men-te — diz ele, prolongando cada sílaba. — Do mesmo jeito que a gente ama Stacey Q, xuxinhas de cabelo e *Mamãezinha querida*.

Seguro a mão de Art antes que ele saia correndo da escola, e vamos andando para a aula de inglês juntos. No caminho, passamos por Darryl Lorde, que tira o boné de beisebol para cumprimentar Art.

— Ei, bichinha, você sabe que usar chapéu é contra o regulamento.

Quando Art tira o gorro, Darryl se afasta.

— Caramba, eu não achava que tinha como você ficar ainda mais gay.

Art apenas sorri. A essa altura ele já está acostumado com Darryl, o líder dos homofóbicos da escola. Ele é tão bom nos

esportes que consegue se safar de qualquer coisa.

— Eu fiz só pra você, Darryl — diz Art, e dá uma piscadinha.

Darryl balança a cabeça com nojo e entra na sala. Consigo ouvir ele soltando um espirro falso quando passa por Reza, mas, em vez de dizer “Aaa-tchim”, ele diz “Aaa-aiatolá”, e seus capangas idiotas riem. Encaro Darryl com desgosto e dou uma olhada em Reza, que parece se esforçar para ignorar os arredores.

Art e eu chegamos por último. Quando entramos na sala, Art também solta um espirro de mentira, mandando um “Aaa-rrombados”. Mas dessa vez ninguém ri. Algumas pessoas nos olham como se fôssemos alienígenas, incluindo Annabel de la Roche e seu bando de amiguinhas que parece se alimentar apenas com polivitamínicos e alface americana.

Só sobraram dois lugares vagos. Um no fundo da sala e outro ao lado de Reza.

— Senta ali — sussurra Art para mim.

Eu paro, indecisa, e Art praticamente me empurra na direção da cadeira.

— Por que o seu amigo é tão agressivo? — sussurra Reza para mim.

Antes que eu consiga responder, Art se inclina na frente de Reza:

— Porque a vida é curta, e eu não vou deixar que ela seja chata também. — Art se controla, então se afasta. — Desculpa, vou me sentar e deixar os dois pombinhos a sós.

Meu Deus, Art, *pombinhos*? Sério?

— Desculpa pelo Darryl — digo para Reza.

— Quem?

— O idiota que estava fazendo piada com você — explico.
Reza dá de ombros.

— Eu sou bom em não me importar — responde ele. —
Negação é ainda mais iraniano do que os aiatolás.

Dou uma risada nervosa, sem saber qual rumo posso dar para a conversa.

— Desculpa pelo Art também. Ele é meio cabeça-dura.

— Não existe ninguém igual a ele no Irã ou em Toronto —
comenta Reza em voz baixa.

— Tenho certeza que existem gays em Toronto —
respondo, totalmente na defensiva. — Já no Irã, eu não sei,
talvez tenham matado todos.

Ok, agora acabou. Você definitivamente espantou o garoto.

— Ah. Desculpa, eu não quis ofender — remenda ele.

Isso é tudo o que Reza diz. E é o bastante para que eu me sinta uma merda.

— Não, eu que peço desculpas — rebato. — É só que já
estou cansada de todo mundo fazendo piada com ele.

— Eu estava fazendo piada com ele? — pergunta Reza.

— Não — respondo. — De jeito nenhum. Você só estava
fazendo uma observação que, provavelmente, é verdadeira. Na
real, eu que fui ofensiva. Presumindo que ele é igual a qualquer
outro gay quando, na verdade, você tem razão. Realmente
ninguém em Toronto, ou no Irã, ou em qualquer outro lugar
habitado por humanos, é parecido com o Art. Talvez seja por
isso que eu fico tão na defensiva sobre ele. Porque ele é especial.

Reza só balança a cabeça, quase como se estivesse concordando comigo.

Nós dois olhamos para Art, impossível de passar despercebido com aquele cabelo. Ele está mexendo em alguns fichamentos. Não são fichamentos comuns. São fichamentos de Cultura Queer para iniciantes que o tio Stephen fez para ele, explicando conceitos gays importantes como terapia de conversão, os Cockettes e Quentin Crisp. E esses são só alguns listados na letra C. Consigo ver que Art está lendo o cartão #67 John, Elton.

— Eu falo demais — confesso. — Me desculpa.

— Não peça desculpas por falar. Na maior parte do tempo, eu falo de menos.

Reza sorri, hesitante, parando com a boca meio aberta. Como se estivesse aprendendo a sorrir só agora.

— Aliás, eu não sou — digo.

Pare. Pare agora.

— Não é o quê? — pergunta ele.

— Quer dizer, nós somos melhores amigos, e ele está no topo da Escala Kinsey, mas... — Dá pra perceber que ele não faz ideia do que é a Escala Kinsey, então explico: — Ah, existe essa escala, essa coisa que diz que algumas pessoas são atraídas por homens, outras por mulheres, e outras estão ali no meio.

— Ah — diz ele.

Reza parece extremamente desconfortável com essa conversa, e quero mudar de assunto na mesma hora, mas, em vez disso, continuo:

— Estou no lado totalmente hétero da escala. É isso. Só queria que você soubesse. Nem sei por que estou te dizendo isso.

Sabe, sim. É porque ele é fofo e, ao contrário de todos os outros garotos dessa escola, não parece ser um idiota.

— Ah — responde ele, fechando os olhos por um momento e, depois de um segundo, completando: — Eu também.

Ele sorri, sem graça. Sorrio de volta.

*image
not
available*